

## ENTREVISTA COM PROFESSORAS (ES) DE FILOSOFIA DO ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ

Com o objetivo de cartografar uma parte das múltiplas formas de trabalho com a Filosofia no estado do Ceará em nossa atualidade, a revista *Dialectus* organizou, através dos editores desta edição, Antônio Alex Pereira de Sousa e Paulo Willame Araujo de Lima, um conjunto de entrevistas com múltiplos(as) professores(as) e profissionais que têm a Filosofia como meio de trabalho. Sabemos que os entrevistados convidados não contemplam toda a diversidade de experiências que se dão na “Terra da Luz”, mas elas podem proporcionar uma pequena compreensão de como está sendo trabalhada a Filosofia no estado do Ceará. Neste bloco estão presentes as falas de docentes de cursos de Filosofia de Instituições de Ensino Superior Públicas, etapa responsável pela formação inicial e continuada de professores de Filosofia. Desejamos uma boa leitura e que os ditos e escritos aqui presentes possam fomentar reflexões e criações em torno do ensino de Filosofia no Ceará e no Brasil. Abaixo, seguem os nomes das(os) professoras(es) entrevistados<sup>1</sup>:



*Cristiane Maria Marinho*

Professora de Filosofia na UECE

**Mais informações**

<http://lattes.cnpq.br/5436768125786693>



*Francisco José da Silva*

Professor de Filosofia na UFCA

**Mais informações**

<http://lattes.cnpq.br/3132573542983746>



*Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira*

Professora de Filosofia na UFCA

**Mais informações**

<http://lattes.cnpq.br/3144886067664461>

307

---

<sup>1</sup> Ao final das entrevistas o leitor pode conferir o currículo completo de cada entrevistado.

**ENTREVISTA**

*Poderia iniciar falando um pouco sobre a sua compreensão de ensino de Filosofia, qual o seu papel nas diversas etapas de ensino superior e educação básica e, se possível, um pouco da sua trajetória e relação com ele, o ensino de Filosofia?*

**Cristiane Marinho:** Creio que devo começar pela última pergunta e continuar com as primeiras. Obviamente comecei sendo estudante de filosofia, fazendo a graduação na Faculdade de Filosofia de Fortaleza – FAFIFOR -, instituição central e decisiva na formação de professores em Fortaleza e no Ceará. Nesse curso identifiquei respostas e perguntas que sempre me perseguiram ao longo da minha vida, mas que para mim não tinham nome, pois eram somente angústias, dúvidas e interrogações. Foi ali que descobri o nome dessas perplexidades. E o nome era Filosofia. Mas o fato de eu ter descoberto o nome dessas indagações não diminuiu as perguntas e as dúvidas. Pelo contrário, potencializou um amplo caleidoscópio de indagações e cada uma com trezentas respostas que se abriam em outras infinitas perguntas. A consequência foi seguir espichando o rol dos questionamentos num mestrado – parte feito na UFPB e parte feito na UFMG – e, na sequência, em dois doutores, um em Educação – UFC, e outro em Filosofia – UFG. O pós-doutorado – Filosofia da Educação na Unicamp – explicitou o fim da fronteira entre essas duas áreas que, para mim, são vizinhas de ficarem conversando sentadas nas cadeiras na calçada.

A relação dessa trajetória com o ensino de filosofia se deu lá nos inícios dos anos 1980, mais precisamente em 1984, na UECE, via concurso do Estado. Entrei como graduada, na época não era exigido pós-graduação, e entrei como professor na categoria de professora auxiliar. Assim, toda a minha formação posterior na pós-graduação foi feita ao longo da minha trajetória profissional.

Quanto ao papel da filosofia nas diversas etapas de ensino superior e da educação básica, é preciso pensar que em ambas, para além do rigor técnico e teórico imprescindíveis na formação do professor de filosofia, temos a filosofia como uma forma de educação para a vida e seus meandros pessoais e sociais. Um aprendizado para a diversidade, o diálogo, a democracia, o cuidado de si, o cuidado do outro, a criatividade, a liberdade sexual e de gênero, o pensamento lógico, a igualdade dos povos. Enfim, a filosofia como potência para a construção de um mundo melhor que está sempre desmoronando. E, nesse sentido, são fundamentais a filosofia, a educação e o ensino de filosofia.

**Francisco José:** Considero que o ensino de Filosofia compreende não apenas o ensino específico de uma disciplina (no caso a Filosofia mesma), mas uma abordagem que traz em si uma compreensão da educação e do ensino enquanto tal. Esse entendimento encontra-se no próprio estatuto da Filosofia, na medida em que esta caracteriza-se como um saber da totalidade, da busca dos fundamentos, segundo uma abordagem reflexiva, radical e crítica, vinculado desde suas origens às demais áreas do saber.

A Filosofia se vincula diretamente com a ideia de educação e formação integral do ser humano, fundamentando e refletindo assim sobre modelos de educação básica e superior, além de seus métodos e conteúdo. Neste sentido, lembramos as concepções da Academia (Platão) e do Liceu (Aristóteles), o papel histórico da Filosofia exercido no surgimento das Faculdades e

Universidades medievais e, principalmente, na constituição do ideal de educação moderna, como podemos conferir nos projetos de Universidade no período iluminista e romântico, destaco aqui o ideal alemão da *Bildung* (formação cultural), a contribuição de seus filósofos e suas obras dedicadas às instituições educacionais, tais como Kant (sobre o *Conflito das faculdades*, 1798), Fichte (*Por uma Universidade orgânica*, 1807), Schelling (*Preleções sobre o método de estudo acadêmico*, 1802), Schleiermacher (cujo projeto inspirou Humboldt na constituição da Universidade de Berlim em 1811) e finalmente Hegel (*Sobre o ensino de Filosofia nos Ginásios e nas Universidades*, 1812-19). No Brasil são imprescindíveis para a Filosofia e seu ensino as contribuições de Paulo Freire, Antônio Severino, Demerval Saviani e mais recentemente Silvio Gallo e Walter Kohan. Esse é o cabedal indispensável para entendermos os fundamentos e as finalidades da educação e do ensino em geral.

Minha relação com o ensino de Filosofia começa na graduação como licenciando em Filosofia na década de 1990 (UECE), durante a qual adquiri uma sólida formação e capacitação nesta área, além da oportunidade inclusive de fazer um curso sobre Filosofia para crianças, ofertado então pelo CEAF (Centro de Estudos e Atividades Filosóficas) em parceria com o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), o que permitiu uma melhor compreensão do papel da Filosofia desde a infância. No campo da experiência de ensino tive a oportunidade de passar por diversas modalidades de ensino, como por exemplo, Filosofia na educação básica (ensino fundamental) em escola privada, assim como professor temporário e depois efetivo em escola pública (ensino médio) e também ensino de Filosofia em faculdade privada. Desde 2009 atuo como professor efetivo do curso de Filosofia na UFCA, atualmente coordenando a Licenciatura e o Pibid Filosofia (desde 2014), por fim assumindo este ano (2023) disciplinas no PROF-FILO.

Essa formação e experiência didática me possibilitaram uma compreensão de certo modo privilegiada das diversas formas como se dá o ensino de Filosofia, ampliando o campo de visão e as especificidades desta modalidade de ensino. Destaco a experiência com o Pibid desde 2014 que tem sido para mim uma oportunidade maravilhosa de dialogar novamente com a educação básica e perceber uma nova dinâmica que possibilita a criação e potencializa a efetivação do aprendizado, através de metodologias diversificadas e adequadas para explorar campos pouco aproveitados no ensino médio, sempre em diálogo com as outras disciplinas e em especial com as culturas e as linguagens artísticas.

Acredito que, apesar de muitos reveses e contradições nas ações de responsabilidade do poder público, temos hoje uma rede de instituições e indivíduos mais ampla que possibilita maior capacidade de articulação e comunicação, de crítica e contraposição ao projeto neoliberal de sucateamento e destruição da educação pública.

**Camila Prado:** Eu, como estudante, não tive disciplina de Filosofia no Fundamental, que na minha época era chamado 1º Grau. Mas estudei até o quarto ano primário, atualmente 5º ano, em uma escola que valorizava muito a reflexão, o autoconhecimento, o desenvolvimento da autonomia. Então, embora não houvesse ensino de Filosofia, havia experiências compartilhadas de filosofar, através de boas leituras, de observações da natureza e de conversas sobre as questões que surgiam da convivência cotidiana.

Assim, quando aos 14 anos eu li o livro *O Mundo de Sofia*, e descobri um pouco sobre a tradição filosófica ocidental, reconheci um movimento de pensamento com o qual tinha familiaridade: o questionamento sobre os princípios, a elucidação dos pressupostos e a formulação de conceitos. Tive, então, interesse em estudar mais Filosofia.

No meu Ensino Médio, em que cursei o antigo Curso Normal, de formação de professores, tive a disciplina de Filosofia por um ano. A professora responsável era formada em Ciências Sociais. Considero que os debates que ela levou à sala de aula foram bastante interessantes, havia um enfoque em aspectos sociais do pensamento filosófico.

Ao escolher um curso superior, optei por História, mas já no segundo semestre do curso, me deparei com a disciplina de Filosofia e decidi mudar de curso. Em paralelo à minha graduação, atuei como professora de crianças e sempre busquei incentivá-las à reflexão.

Conto tudo isso para dizer que considero muito importante o ensino de Filosofia desde o Ensino Básico, desde que não se confunda aprender filosofia com simplesmente ter informações sobre a tradição filosófica ocidental. Penso que o mais importante no ensino de Filosofia é proporcionar a percepção de que temos uma comunidade de pensadoras e pensadores, de tempos e lugares diversos, de tradições diversas, com quem podemos conversar (sobretudo através de seus textos, mas não apenas) sobre questões fundamentais. Não estamos sós em nosso espanto diante da realidade e isso é muito importante de saber.

*O Brasil, há alguns anos, vem passando por reformas educacionais que estão transformando a forma de organização educacional dos sistemas, bem como as concepções que as subsidiam. A Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) é aquela que modifica, especificamente, a forma de organização das licenciaturas, entre elas a Filosofia. Qual a sua compreensão quanto a BNF-Formação e quais os efeitos que ela pode ter na formação inicial de professores de Filosofia e no ensino de Filosofia na educação básica?*

310

**Cristiane Marinho:** O que enxergo na BNC-Formação é somente uma promessa que não se cumpre no corpo da BNCC. Uma não conversa harmoniosamente com a outra, as expectativas criadas na proposta de formação não se concretizam no outro documento, muito pelo contrário. Por isso, a resposta a essa pergunta estará nas entrelinhas da questão referente à BNCC, como apresentação do resultado frustrado das promessas e exigências do processo formativo.

**Francisco José:** No contexto atual de acirramento das contradições do Capital, da desigualdade social e as novas intervenções neoliberais em países como o Brasil, fica evidente a necessidade que tal sistema tem de implementar seu projeto de padronização dos modelos educacionais, sob a demanda das “competências, habilidades e atitudes”, os quais nada mais são do que senhas que correspondem aos ideais de produtividade e ampliação do controle sobre todos os setores da vida.

Assim surge o chamado “novo ensino médio” que transfere aos estudantes a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso em uma sociedade de competitividade e hiperconsumo. Para formar essa nova mentalidade, faz-se necessária a reformulação do ponto de partida, ou seja, dos cursos de licenciatura, da adequação dos currículos escolares e da formação dos professores que serão os vetores principais de inoculação destas demandas e

valores. A BNCC e a BNC-Formação se complementam na medida em que estabelecem as bases para esse conceito de pedagogia das áreas de saber, das competências/habilidades e do empreendedorismo, os quais são os eixos principais do novo ensino médio.

Considerando a forma como a Filosofia está posta no interior da BNCC, ou seja, como uma disciplina enquadrada e dissolvida no campo das humanidades, a formação específica em Filosofia perde sua validade e concretude próprias. Como formar profissionais para uma área que não existe mais em si mesma, mas apenas como uma transversalidade e uma sombra do que deveria ser realmente? Neste sentido a BNC-Formação tende a fomentar e embasar essa concepção de mundo, promovendo uma mudança na maneira como são formados os professores de Filosofia para essa nova modalidade de ensino. Será preciso uma grande mobilização coletiva para reverter os danos já causados por esses normativos, talvez só consigamos reformular alguns pontos, dado o adiantado do processo nos últimos anos. Acredito que será necessária uma outra forma de intervenção organizada da classe docente nas frestas e interstícios dessa legislação, ampliando a pesquisa sobre o ensino de Filosofia, promovendo e executando novos projetos (como a filosofia no ensino fundamental) que ampliem e estimulem sua presença e reforcem a necessidade de sua importância na educação em geral. O Pibid e o Prof-Filo podem ser experiências promissoras nesse sentido.

**Camila Prado:** Considero que há perdas, graves, e ganhos, possíveis. As maiores perdas vêm, segundo me parece, do fato de que as reformas são feitas sem a plena participação dos profissionais da educação que estão de fato no dia a dia escolar e universitário. Isso ocorre principalmente porque há um grande interesse econômico em reformas educacionais que fortaleçam os ideais neoliberais e que, portanto, sigam recomendações de organizações sociais ou agências de regulação ligadas à iniciativa privada. Assim, a saída da Filosofia do currículo obrigatório do Ensino Médio a nível nacional é uma perda, sem dúvida, que enfraquece a formação do profissional. Qual o horizonte de trabalho para um licenciado em Filosofia hoje?

No entanto, não é possível negar que as flexibilizações das ideias de disciplina, de conteúdo, a concepção de transversalidade, o papel da prática como componente curricular e a curricularização da extensão tensionam alguns hábitos educacionais cristalizados e permitem, quando professoras e professores de filosofia estão presentes e quando gestoras e gestores educacionais permitem, abrir espaços para uma ação educacional menos engessada e que conecte o grande diálogo da tradição filosófica ocidental com as questões e problemas vividos pelas comunidades educacionais.

*A BNC-Formação está diretamente relacionada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e à Reforma do Ensino Médio, instituída pela lei 13.415/2017. Quais contribuições e prejuízos a BNCC e a lei 13.415/2017 trouxeram ou podem trazer para o ensino de Filosofia na educação básica, especialmente no ensino médio? Como você avalia o impacto dessas normativas nacionais na sua atuação profissional?*

**Cristiane Marinho:** Não consigo vislumbrar nenhuma contribuição positiva da BNCC para a educação, a não ser para o mercado e para os donos do poder conservador da direita. Ela traz uma imposição pedagógica uniformizante como se todos os alunos tivessem o mesmo status social; tem finalidades neoliberais muito claras; resulta explicitamente em uma fragilização do

ensino da área de humanas e em especial em uma diluição da filosofia e seu ensino, uma vez que o pensamento crítico não interessa ao sistema do Capital; é produto de uma forma de ensinar filosofia controlada pelo Estado e sancionada pelas leis que defendem todos esses interesses; a filosofia se vê desafiada diante das exigências de competências e habilidades na formação de mão de obra para o mercado globalizado, visando sua instrumentalização, seu enfraquecimento, sua diluição e o apagamento de um ensino crítico, criativo e contestador.

Em termos mais gerais do contexto da inserção da BNCC no neoliberalismo, temos: aumento da desigualdade social no ensino e a divisão entre escola pública com ensino técnico profissional para a classe trabalhadora e escola privada para os ricos, prevalecendo a restrição do acesso a determinados saberes como a filosofia; criação de um professor de filosofia que não ensina filosofia; comprometimento de uma fortuna em verba pública já usada em projetos públicos na formação de professores de filosofia, políticas públicas e material didático; aumento da precarização do professor de filosofia porque diminuiu a carga horária em função da diluição da disciplina de filosofia; diluição da filosofia e do ensino da filosofia porque esse documento visa exatamente o inverso do que a filosofia pode propor e propiciar, ou seja, crítica e autonomia; fortalecimento do projeto de extrema direita e o avanço do conservadorismo e seu discurso de ódio racista, xenófobo, homofóbico, sexista e outros, que se anuncia a partir do golpe do Temer; fortalecimento do projeto Escola Sem Partido com a ausência da educação sexual; filosofia como não sendo disciplina inviabiliza concurso para a área, fragiliza o campo profissional e traz consequências danosas para a categoria e o aprendizado, pois qualquer professor de outra área poderá ensinar filosofia; o professor de filosofia em um ensino baseado na BNCC não foi preparado para ensinar filosofia, sociologia, geografia e história ao mesmo tempo, ou seja, na Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, colocando o aluno não aprender nenhum desses conteúdos.

**Francisco José:** A BNCC especialmente é alvo de críticas e contestações seja na forma como foi construída, sem a devida participação dos principais interessados (docentes, estudantes, comunidade), seja na concepção que traz em seu bojo um verdadeiro retrocesso que se apresenta com ares de “inovação” (uma palavra própria do jargão neoliberal). No que diz respeito a educação em geral o grande problema está na tentativa de submeter toda a complexidade da educação e do ensino a um esquema que pretende ser único e homogeneizador para todas as modalidades de saber que são reduzidas ao esquema de competências e habilidades em prejuízo do conteúdo e das especificidades de cada área.

A própria ideia da “pedagogia das competências” e a classificação das habilidades traz em si de forma sub-reptícia a compreensão do homem como mero executor de uma programação que requer competência e habilidades próprias, lembrando o esquema de produção capitalista, não interessando a articulação com os demais atores sociais, mas a “eficiência” (mais um termo próprio do projeto neoliberal) do indivíduo que age sob a lógica do sistema e sobre quem pesa a responsabilidade de seu êxito ou fracasso, segundo essa concepção de mundo o indivíduo deve ser o responsável pelo seu “projeto de vida”, deve assumir essa tarefa e demandar ao máximo suas forças para realizá-la.

No âmbito das ciências humanas percebe-se a dissolução das disciplinas em uma espécie de caldo (ou como dizemos no Ceará, uma “garapa”) que minimiza as especificidades de cada disciplina, seu poder de análise e crítica e principalmente seus conteúdos, sob o signo de uma

suposta interdisciplinaridade. A Filosofia talvez seja o alvo principal desta dissolução, transformando-se numa mera “colcha de retalhos” desconexa e sem identidade própria, uma vez que perde sua autonomia e característica própria ao ser esgarçada na abordagem da BNCC e no novo formato dos livros didáticos.

Para o Professor de Filosofia o prejuízo é imenso, na medida em que sua função soa meramente como um adestramento ou capacitação em “competências filosóficas” recaindo assim em um formalismo um tanto vazio, desconsiderando os conteúdos, a historicidade e a complexidade do debate filosófico. A referência constante a “interdisciplinaridade” serve apenas como slogan constantemente utilizado para esconder a verdadeira dissolução das ciências humanas em discursos superficiais e sem efetividade histórica, servindo a meros interesses pragmáticos e instrumentais. Os estudantes perdem assim a possibilidade de formar uma compreensão própria da filosofia para além de uma mera atividade argumentativa, mas acima de tudo como uma visão do mundo e um modo de vida.

**Camila Prado:** Considero que, de fato, são reformas conectadas e que decorrem dos mesmos interesses, incorrendo em grandes malefícios e benefícios possíveis. O Novo Ensino Médio, sancionado de maneira inteiramente autoritária, nas condições reais das escolas hoje, tende a precarizar ainda mais a formação daqueles que estudam em escolas públicas. Sobretudo das regiões mais empobrecidas. Isto é um crime social.

Ainda assim, as disciplinas eletivas, para além de trazerem propostas bastante alinhadas ao pensamento neoliberal, como empreendedorismo, por exemplo, permitem também, que sejam trabalhados temas importantes que ainda não foram abarcados pelo currículo tradicional. Há experiências interessantes neste sentido sendo realizadas nas escolas. Temas como opressões de gênero e sexualidade, opressão racial, cultura política vem tendo um espaço que já era garantido por lei, mas não se realizava de fato.

*No Ceará, a Filosofia é ensinada de diversos modos. Ensinada no interior e na Capital, nas Universidades, Faculdades e Institutos Federais (IFCE), bem como na educação básica. Pensando na sua realidade de trabalho, na localidade e nas demais especificidades que a atravessa, pode falar um pouco sobre o ensino de Filosofia no seu contexto educacional?*

**Cristiane Marinho:** Minha vida inteira ensinei Filosofia na UECE, seja no Curso de Filosofia, seja em outros Cursos da Universidade, seja na Capital ou no Interior. Esse é ainda meu contexto educacional. Ele não difere muito do contexto nacional colonizado pela Europa: predominância da Filosofia europeia e da ocidental; desconfiança e até recusa das filosofias brasileira; da educação; africana; pensamento indígena; de gênero e tudo isso a favor da prevalência dos cânones metropolitanos; baixa presença das mulheres filósofas nos programas e suas bibliografias; reduzido número de professoras filósofas nos Departamentos; recusa de métodos pedagógicos mais criativos, envolvendo corpo, arte, literatura etc., a favor da eterna exegese de texto, herança franco-uspiano.

Mas nem tudo está perdido. Temos colegas que são ousados e desafiam o status quo, se permitindo contestar os meios tradicionais e os cânones, e também questionando os motivos de tanta submissão ao pretensamente oficial estabelecido.

Além dessas questões, há também o já antigo e permanente descaso do Estado com as Universidades Estaduais. Algo que só muito recentemente melhorou. Esse descompromisso acaba por piorar muito as nossas unidades e o próprio desempenho dos alunos, bem como dificulta muito o próprio desempenho dos professores, inclusive o fator salarial e, até recentemente, afastamento para pesquisa de pós-graduação.

Houve e ainda continua em processo a interiorização dos campi das nossas três universidades, mas a precariedade nessas unidades é grande: sucateamento das condições das salas de aula; acervo bibliotecário medíocre e desatualizado; demora para liberação de recursos para a melhoria dos campi; refeitórios desparelhados convenientemente.

Sei que muitas coisas melhoraram nos últimos dois mandatos de governo estadual, mas ainda há muita coisa por fazer, principalmente em função da enorme precariedade deixada nas Universidades Estaduais desde as suas criações.

Ou seja, o ensino de filosofia também tem que ser pensado nesse contexto macro, mais amplo e atravessado pelas suas condições materiais, políticas e sociais. Principalmente porque a filosofia é desprezada pela sociedade de uma forma geral. Lembro que quando fui Coordenadora de Departamento, todas as cartas da sociedade civil que chegavam ofertando vagas para estágio, remunerado ou não, quase nenhum contemplava os alunos de filosofia.

**Francisco José:** O Cariri cearense tem um lugar especial na constituição de nosso Estado, uma vez que é uma região de imensa riqueza natural, ampla diversidade cultural e profunda espiritualidade e religiosidade, embora se encontre mais ao sul de nosso Estado está localizada numa área central do Nordeste (no coração nordestino). Estas características, somadas a uma história de lutas e resistências, dá a essa região um privilégio e destaque inigualáveis.

Sou professor do curso de Filosofia na região do Cariri desde 2009, quando então fazíamos parte do Campus da UFC no Cariri (Juazeiro do Norte), transformado em Universidade Federal do Cariri em 2013. A região do Cariri conta com 3 CREDES (CREDE 18, 19 e 20, correspondendo respectivamente a Juazeiro do Norte, Crato e Brejo Santo) e uma ampla rede de ensino público e privado, contando com aulas de Filosofia em diversas modalidades.

Nos primeiros anos conseguimos criar parcerias importantes com a então Faculdade Católica do Cariri (Crato), sob coordenação da Diocese de Crato, e também com a Universidade Regional do Cariri (URCA), que embora não tenha curso de Filosofia, tem professores lotados nos diversos cursos (História, Pedagogia, Ciências Sociais), em especial com o projeto de extensão NUPEFE (Núcleo de Pesquisa e Estudos em Filosofia e Educação), cuja parceria nos permitiu contribuir com atividades de capacitação de professores da rede básica, e principalmente criar o evento anual Encontro de Professores de Filosofia da Região do Cariri (cuja 4ª edição foi realizada em 2022), no qual são discutidas temáticas relevantes para os professores que são acima de tudo protagonistas do evento.

**Camila Prado:** Sou professora de filosofia na Universidade Federal do Cariri – UFCA, que é uma instituição relativamente recente, mas que abriu, como um de seus primeiros cursos, ainda como campus avançado da UFC, o Curso de Filosofia. Atualmente temos o Curso de Bacharelado, o de Licenciatura e o Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia. Estou aqui há 13 anos e vi muitas mudanças importantíssimas na filosofia acadêmica no Brasil. Considero



que o processo de expansão e interiorização das universidades, além das ações afirmativas são em grande parte responsáveis por estas mudanças. Mudando as pessoas que têm acesso a uma formação em nível superior laica em filosofia, modificam-se os temas, as questões, os referenciais epistemológicos, o engajamento com o debate público. E tudo isso me parece muito salutar.

Aqui no Cariri não é diferente. Por exemplo: um grupo de estudantes mulheres sentiu falta de estudar filósofas e iniciou um grupo de estudos autogestionado que se tornou um coletivo e um projeto de extensão, cultura e pesquisa. Isso já deu como frutos muitas monografias sobre ou baseadas em filósofas, além de mudanças nas referências bibliográficas dos cursos.

*Para finalizar, gostaria de fazer considerações mais livres sobre o ensino de Filosofia, que não tenhamos perguntado, mas que se faz importante considerarmos nesse momento tão singular em termos de desafios para o ensino de Filosofia no Brasil? Por exemplo, quais são suas expectativas para o futuro do Ensino de Filosofia no Ceará? Fique à vontade para suas considerações finais.*

**Cristiane Marinho:** A minha paixão pela filosofia e pela educação é antiga e quando me tornei professora universitária essa paixão aumentou imensamente. na disciplina filosofia da educação, que desde sempre ministrei, me possibilitou compreender que qualquer área da filosofia, como a vida humana, desembocava nas questões educacionais. além disso, é impossível negar que a filosofia nasce de relações pedagógicas, pois além dos diversos movimentos educacionais da Grécia antiga, o que foi a filosofia a não ser, dentre outras coisas, uma forma de aprender a conviver com o mundo e com as pessoas depois da forma mítica?

Outro elemento decisivo para o necessário reconhecimento da educação no âmbito filosófico é a herança brasileira e nefasta que o colonialismo nos impôs e nos legou. Contudo, foi e é esse mesmo colonialismo que acaba por desvalorizar a educação como algo fundamental para e na discussão filosófica. e aí entra, precisamente, também, o ensino de filosofia, pois atravessado pela discussão educacional. a herança colonial metafísica filosófica que marcou indelevelmente a trajetória da filosofia e seu ensino no brasil, bem como a imposição do método exegetico franco-uspiano de compreensão de texto, a partir dos anos de 1930, nos despotencializa e tenta nos impedir de fazer uma filosofia autoral e voltada para questões imanentes e de cunho social.

E para complicar ainda mais o lugar do ensino da filosofia na formação acadêmica, é que essa herança colonial europeia também acabou estabelecendo nos cursos de filosofia que seus professores não precisavam aprender a ministrar aulas, pois isso seria coisa de pedagogo. ou seja, para ser filósofo seria necessário somente aprender as razões do texto e ensinar as suas ideias da forma mais complexa possível. temos aí uma expressão colonial, tanto no que diz respeito aos conteúdos ensinados quanto à forma de ensiná-los. sem falar da ausência de mulheres filósofas, filosofia brasileira, filosofia africana e outras nos currículos.

Para finalizar, gostaria de enfatizar a necessidade de olharmos mais nosso umbigo, tentar ultrapassar nossa alma ainda colonizada: ler e ensinar filosofia brasileira; pesquisar história da filosofia no Ceará e no Brasil; entender que nem todo mito é grego e Enem toda filosofia é europeia. Têm indígenas, orientais, africanos... Como filósofos, devemos enxergar a amplitude e diversidade da vida, do mundo e das pessoas.

**Francisco José:** Desde suas origens o ensino de Filosofia no Ceará encontrou no campo das instituições religiosas um espaço privilegiado até meados do século XVIII (Institutos, Seminários e faculdades), passando em seguida pela progressiva laicização na segunda metade do século XIX (com a influência da Maçonaria, dos movimentos e grupos literários em Fortaleza), chegando a sua institucionalização definitiva no século XX (com o surgimento das faculdades e universidades públicas, UECE, UFC, UVA e, mais recentemente, UFCA).

A Filosofia no Ceará tem conseguido alcançar uma maior presença no espaço público, demandando maior participação seja na formação geral dos cidadãos como preconiza a LDB, seja na formação específica de docentes que atuam na rede educacional, malgrado as idas e vindas da disciplina nos períodos de retrocesso social como a Ditadura de 64, o governo FHC e, mais recentemente, no tenebroso governo de extrema direita (um atraso não apenas para a Filosofia, diga-se de passagem, mas para várias dimensões de nossa vida).

O Ceará traz, em sua singularidade e pluralidade, a marca de uma diversidade ainda pouco explorada, em especial a contribuição das comunidades afrocearenses e indígenas, além de uma rica história filosófica presente no campo literário. A presença institucional da Filosofia é bem recente (século XX) e seria preciso revisitá-la de forma crítica e reavaliar para onde queremos ir e que objetivos ainda podemos alcançar. Temos um enorme potencial filosófico que muitas vezes é subestimado em detrimento do que se faz no Sudeste/Sul do país, quando na verdade deveríamos ler nossos autores, estabelecer vínculos mais estreitos entre as instituições e os cursos de Filosofia espalhados no Ceará, através de eventos, publicações e debates.

**Camila Prado:** Como disse, embora tenhamos passado, e ainda estejamos passando, por grandes ataques, tanto de um neoconservadorismo contrário ao livre pensamento, quanto, muitas vezes unido a, de um pensamento neoliberal comprometido com interesses privados e privatistas, tenho visto mudanças no fazer filosofia no Brasil que considero extremamente salutares e potentes. Tenho visto filósofos entrarem no debate público com coragem, tenho visto o diálogo que constitui a tradição filosófica chegar a pessoas que antes não tinham acesso a ele. E isto o enriquece muito. Pois, segundo me parece, apenas na vida do diálogo as tradições ganham seu sentido.

## **CURRÍCULO DAS(OS) ENTREVISTADAS(OS)**

### *Cristiane Maria Marinho*

Possui graduação em Filosofia pela FAFIFOR - Faculdade de Filosofia de Fortaleza (1983), Especialização em Economia Política pela UECE - Universidade Estadual do Ceará (1995), Mestrado em Filosofia pela UFPB/UFG - Universidade Federal da Paraíba / Universidade Federal de Minas Gerais (2000), Doutorado em Educação pela UFC - Universidade Federal Do Ceará (2008), Doutorado em Filosofia pela UFG - Universidade Federal de Goiás (2020), Pós-doutorado em Filosofia da Educação pela UNICAMP - Universidade Estadual De Campinas (2011). Atualmente é Professora Emérita da Universidade Estadual do Ceará e Professora de Filosofia vinculada ao Mestrado Acadêmico em Serviço Social - MASS. - Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, sujeito, sociedade, poesia, política, história, marxismo, objetividade e conhecimento, História da filosofia no Brasil, pós-modernidade, Filosofia da Educação, Serviço Social, Gênero, Foucault, Deleuze e Filosofia da Diferença.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5436768125786693>

### *Francisco Jose da Silva*

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC, 2020). Atualmente é Coordenador da Licenciatura em Filosofia, Pesquisador e Professor Adjunto do curso de Filosofia do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte (IISCA) da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFCA), coordenador de subprojeto Pibid Filosofia (2020). Tem experiência em gestão, tendo sido Coordenador do curso de Filosofia UFCA (2013-2014), Coordenador do Núcleo de Línguas e Culturas Estrangeiras (2014-2015) e da Coordenadoria de Diversidade Cultural da Procult (2015-2016). Membro do Conselho editorial da Revista Araripe de Filosofia (UFCA). Membro da Comissão de Ética da UFCA. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Alemã, atuando principalmente nos seguintes temas: Idealismo Alemão (Hegel), Dialética e Hermenêutica (Schleiermacher), Filosofia da Religião e Filosofia Intercultural (Raul Fornet-Betancourt). Também tem interesse no pensamento filosófico brasileiro (Farias Brito). Membro da Sociedade Hegel Brasileira (SHB) e da Associação Latinoamericana de Filosofia Intercultural (ALAFI).

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3132573542983746>

### *Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira*

Bacharel (2004) e mestre (2008) em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidad de Buenos Aires (2013) e na Universidade de Coimbra (2019). Professora de Filosofia do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Antiga, Filosofia Política, Estudos Comparados e Filosofia e Literatura, dedicando-se principalmente aos seguintes temas: filosofia como diálogo; relações partes e todos. Atualmente é líder do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos Comparados em Corporeidade, Alteridade, Ancestralidade, Gênero e Gerações (NECAGE/UFCA).

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3144886067664461>

## **CURRÍCULO DOS ENTREVISTADORES**

### *Antônio Alex Pereira de Sousa*

Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá. Coordena o Grupo de Estudos em Foucault (GEF-UFC) e participa do FILODITEC (Eixo de pesquisa Filosofias da Diferença, Tecnocultura e Educação do PPG em Educação da UFC). Professor de Filosofia concursado da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Desenvolve pesquisa em Filosofia Contemporânea, Educação, Ensino de Filosofia, Gênero, relações étnico-raciais, Ética, Currículo e temas gerais em torno da produção filosófica de Michel Foucault (Sexualidade; Poder; Direito; Racismo de Estado; Filosofia; Saber; Cuidado-de-si; Neoliberalismo; Subjetividade).

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/9432362482614655>

### *Paulo Willame Araújo de Lima*

Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Doutorado em andamento pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) na linha de pesquisa "Arte, Subjetividade e Cultura". Mestre em Filosofia, na linha de Ética e Política da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisando o tema da violência a partir de Jean-Paul Sartre. Graduando no bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com matrícula temporariamente trancada. Integrante do Coletivo Kintal de Afetos e do Coletivo Transpassando. Embaixador da Juventude pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC em parceria com o Instituto Caixa Seguradora. Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Voluntário no Programa de Extensão Transpassando UECE. Foi Agente Educacional da Busca Ativa, na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME); Estudante da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS formado pelo CREAECE. Estudante de Teatro, ator e colaborador na escrita do texto de Re-talho, espetáculo com direção de Neidinha Castelo Branco (CPBT-TJA). Foi bolsista do Programa de Bolsa de Estudos e Permanência Universitária (PBEPU). Foi representante discente no Colegiado de Filosofia. Foi bolsista de Iniciação à Docência (PIBID). Foi bolsista de Iniciação Científica (IC). É arte-educador e audiodescritor mediante estágio educacional realizado no Museu da Cultura Cearense (MCC). Técnico em Finanças pela EEEP José de Barcelos. Produtor Cultural e Coordenador na organização de eventos socioculturais, acadêmicos e artísticos. Coordenador de Acessibilidade Cultural em vários projetos ligados aos Coletivos Transpassando e Kintal de Afetos. Experiente em representações político-administrativas como liderança de sala, coordenação de grupos juvenis e representações estudantis universitárias.

**Link currículo Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5476643014624172>